Churchill & Orwell

Thomas E. Ricks

Churchill & Orwell

A luta pela liberdade

Tradução:
Rodrigo Lacerda

ZAHAR

Dedicado a todos que buscam preservar nossas liberdades

Título original:
Churchill and Orwell
(*The Fight for Freedom*)

Tradução autorizada da primeira edição inglesa, publicada em 2017
por Penguin Press, um selo de Penguin Random House LLC,
de Londres, Inglaterra

Copyright © 2017, Thomas E. Ricks

Copyright da edição brasileira © 2019:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

A editora não se responsabiliza por links ou sites aqui indicados,
nem pode garantir que eles continuarão ativos e/ou adequados,
salvo os que forem propriedade da Zahar.

Preparação: Diogo Henriques | Revisão: Carolina Sampaio, Édio Pullig
Capa: Estúdio Insólito | Imagens da capa: © MGPhoto76/Alamy Stock Photo;
© GL Archive/Alamy Stock Photo

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Ricks, Thomas E., 1955-
R398c Churchill & Orwell: a luta pela liberdade/Thomas E. Ricks; tradução Rodrigo Lacerda. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

Tradução de: Churchill and Orwell: the fight for freedom
Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-85-378-1844-2

1. Churchill, Winston, 1874-1965. 2. Orwell, George, 1903-1950. 3. Churchill, Winston, 1874-1965 – Visão política e social. 4. Orwell, George, 1903-1950 – Visão política e social. 5. Fascismo – História – Séc.XX. 6. Comunismo – História – Séc. XX. 7. Política internacional – 1933-1945. 8. Grã-Bretanha – Política e governo – 1936-1945. I. Lacerda, Rodrigo. II. Título.

CDD: 941.084
19-57451 CDU: 94(410)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Sumário

1. Os dois Winstons 7

2. Churchill, o aventureiro 12

3. Orwell, o policial 29

4. Churchill: na pior na década de 1930 51

5. Orwell se torna "Orwell": Espanha, 1937 71

6. Churchill se torna "Churchill": primavera de 1940 90

7. Enfrentando os alemães, pedindo ajuda aos americanos: 1940-41 115

8. Churchill, Orwell e a luta de classes na Grã-Bretanha: 1941 132

9. Entram os americanos: 1941-42 154

10. Visões desoladoras do mundo pós-guerra: 1943 170

11. *A revolução dos bichos*: 1943-45 180

12. Churchill (e a Grã-Bretanha) em declínio e triunfo: 1944-45 194

13. A vingança de Churchill: as memórias da guerra 217

14. Orwell em triunfo e declínio: 1945-50 227

15. A prematura vida pós-morte de Churchill: 1950-65 243

16. A extraordinária ascensão de Orwell: 1950-2016 250

Posfácio: A trajetória de Churchill e Orwell 269

Notas 275

Créditos das fotos 320

Agradecimentos 321

Índice remissivo 323

1. Os dois Winstons

Em 13 de dezembro de 1931, um político inglês de 57 anos, ainda membro do Parlamento porém bastante malquisto no governo de seu próprio partido, desceu de um táxi na Quinta Avenida, em Nova York.[1] Ele estava na cidade dando início a uma turnê de palestras, numa tentativa de recuperar parte da pequena fortuna que perdera na quebra da bolsa de valores dois anos antes. Sendo inglês, e talvez por estar absorto em seus problemas, ele olhou para o lado errado da avenida e não viu o automóvel que, a aproximadamente cinquenta quilômetros por hora, derrubou-o no asfalto e o arrastou por alguns segundos, quebrando-lhe algumas costelas e abrindo um talho em seu couro cabeludo. Tivesse morrido, ele hoje seria lembrado por poucos historiadores especializados na história da Grã-Bretanha do início do século XX. Mas ele sobreviveu. Seu nome era Winston Churchill.

Quase seis anos depois, em 20 de maio de 1937, outro inglês acordou antes de o sol nascer e deixou seus desconfortáveis alojamentos de trincheira nas linhas de frente da Guerra Civil Espanhola, no nordeste da Espanha, não muito longe dos Pirineus. Embora servisse como soldado, ele na verdade era escritor, um autor desimportante de romances medíocres que não vendiam bem. Considerava-se um homem de esquerda, embora em seu livro mais recente – feito no registro da sociologia jornalística e no qual estudava as classes baixas da Inglaterra – tivesse causado um pequeno rebuliço, e talvez por isso perdido alguns amigos, com suas críticas aos socialistas. Ainda assim, ele servia na Espanha junto às forças socialistas pró-governo da República Espanhola. Era um homem alto, e enquanto percorria as trincheiras que davam para o oeste, supervisionando os membros de seu esquadrão, a silhueta de sua cabeça era destacada pelo sol que nascia

a leste, atrás dele. Mais ou menos a 150 metros de distância, um atirador de elite, partidário dos nacionalistas, localizou-o e disparou um projétil de 7 mm com cápsula de cobre.[2] Foi um tiro bem dado, que fez a bala atravessar a base do pescoço do soldado inglês, por pouco não atingindo a artéria carótida. Atordoado, ele caiu no chão. Sabia que fora atingido, mas em seu estado de choque não sabia dizer onde. Informado de que a bala atravessara seu pescoço, ele se preparou para morrer em questão de minutos, pois jamais ouvira falar de alguém que tivesse sobrevivido a semelhante ferimento. Tivesse ele morrido na ocasião, não seria lembrado hoje, exceto talvez por alguns literatos especializados em romancistas ingleses de pouca importância de meados do século XX. Mas ele não morreu. Seu nome era Eric Blair, mas seu pseudônimo era George Orwell.

Na superfície, os dois homens eram bastante diferentes. Churchill era mais sadio em todos os sentidos; nascido 28 anos antes de Orwell, morreu quinze anos depois. Em aspectos cruciais, porém, os dois eram espíritos afins. Em seus anos mais importantes, que coincidiram na metade do século, ambos se debateram com as mesmas grandes questões – Hitler e o fascismo, Stálin e o comunismo, os Estados Unidos e seu intuito de substituir a Grã-Bretanha como potência hegemônica. Eles as responderam com as mesmas qualidades e ferramentas – seus intelectos, a confiança em suas opiniões, mesmo quando refutadas pela maioria de seus contemporâneos, e sua extraordinária habilidade com as palavras. E ambos guiavam-se pelos princípios capitais da democracia liberal: liberdade de pensamento, de expressão e de associação.

Seus caminhos jamais se cruzaram, mas eles se admiravam mutuamente à distância, e, quando chegou o momento de escrever *1984*, George Orwell batizou seu protagonista de Winston.[3] Segundo os registros, Churchill gostou tanto do livro que o leu duas vezes.[4]

Apesar de todas as diferenças entre os dois, sua prioridade maior, um compromisso com a liberdade humana, deu a ambos uma causa em comum. E eles eram de fato pessoas drasticamente diferentes, com trajetórias de vida muito diversas. A extroversão espalhafatosa de Churchill, sua habilidade oratória e a urgência de uma defesa desesperada em tempos de

guerra levaram-no a um triunfo coletivo que ajudou a moldar o mundo que conhecemos hoje. A personalidade cada vez mais fleumática e introvertida de Orwell, seu idealismo tenaz e grande apreço pela precisão na observação e na escrita levaram-no, como autor, a lutar pelo espaço privado naquele mundo moderno.

O perigo de adotar uma dupla abordagem em relação a esses homens é que a presença de Churchill é por demais sonora e persistente. Observem qualquer evento crucial dos anos 1940 e Churchill estará lá, participando dele, discursando sobre ele, e então, alguns anos mais tarde, escrevendo sobre ele. Debater com Churchill era como "discutir com uma banda de metais", resmungou certa vez um membro do governo britânico.[5] O filósofo político Isaiah Berlin observou que Churchill entendia a vida como um desfile, no qual ele ia na frente.[6] "Devo admitir que gosto de cores fortes", Churchill escreveu certa vez.[7] "Não posso fingir que sou indiferente às cores. Regozijo-me com as mais brilhantes, e sinto pena genuína dos pobres marrons."

Juntos, em meados do século XX, esses dois homens indicaram o caminho, no âmbito político e intelectual, ao responderem às ameaças totalitárias gêmeas do fascismo e do comunismo. No dia em que a Grã-Bretanha entrou na Segunda Guerra Mundial, Churchill declarou: "É uma guerra, analisada em sua essência, para gravar, em rochas inabaláveis, os direitos do indivíduo, e é uma guerra para estabelecer e reavivar a estatura humana."[8] Dois anos depois, asperamente, em seu estilo mais direto, Orwell expressou o mesmo pensamento: "Vivemos numa época em que o indivíduo autônomo está deixando de existir."[9]

Orwell e Churchill compreenderam que a principal encruzilhada do século XX não era quem controlava os meios de produção, como Marx imaginava, ou o funcionamento da psique humana, como Freud ensinava, mas sim como preservar a liberdade do indivíduo numa época em que o Estado se intrometia poderosamente na vida privada. O historiador Simon Schama descreveu-os como os arquitetos do seu tempo.[10] Eles foram, segundo Schama, "os mais improváveis aliados".[11] A causa que compartilhavam era evitar que a maré de homicídios pelo Estado, iniciada nos anos 1920 e 1930, até formar uma onda nos anos 1940, continuasse a subir.

Em meados da década de 1950, um dos netos de Churchill certo dia meteu a cabeça no escritório do avô. "É verdade", perguntou o menino, "que você é o maior homem do mundo?" Churchill, bem ao seu estilo, respondeu: "Sim, agora me deixe em paz."[12]

A teoria histórica do "Grande Homem" é bastante menosprezada hoje em dia. Mas às vezes os indivíduos fazem muita diferença. Churchill e Orwell tiveram impactos duradouros na forma como vivemos e pensamos atualmente. Esses dois homens não fizeram o Ocidente próspero e liberal do pós-guerra – com seu prolongado boom econômico e sua constante expansão da igualdade de direitos a mulheres, negros, gays e minorias marginalizadas –, mas seus esforços ajudaram a estabelecer as condições políticas, físicas e intelectuais que tornaram tal mundo possível.

Por muito tempo eu os admirei separadamente, mas eles se tornaram um tema interligado para mim quando, ao tirar férias após cobrir a Guerra do Iraque, estudei a Guerra Civil Espanhola de 1936-39. Pesquisando sobre o papel de Orwell, dei-me conta de que tanto ele quanto Churchill haviam sido correspondentes de guerra, assim como eu era então. Orwell cobriu e participou da guerra espanhola, e Churchill desempenhara um papel duplo semelhante na Guerra dos Bôeres de 1899-1902.[13]

Quem eram esses homens, que argumentos usaram para preservar o espaço do indivíduo na vida moderna, e como chegaram a tal entendimento das coisas?

Este livro se concentra no período crucial de suas vidas, os anos 1930 e 1940. O cerne da história de ambos está nesse mesmo período decisivo, que vai da ascensão dos nazistas até o rescaldo da Segunda Guerra Mundial. Nesse intervalo, quando tantos de seus pares julgaram a democracia fracassada, nenhum dos dois jamais perdeu de vista o valor do indivíduo no mundo, e tudo o que isso significa: o direito de discordar da maioria, de estar até mesmo persistentemente errado, o direito de desconfiar do poder da maioria e a necessidade de afirmar que as autoridades podem estar erradas – sobretudo quando aqueles que estão no poder acreditam forte-

mente que não. Como Orwell escreveu certa vez: "Se a liberdade significa alguma coisa, é o direito de dizer às pessoas o que elas não querem ouvir."[14] E dando especial ênfase, diria o escritor, aos fatos que elas não desejam admitir. Foi justo esse direito que ele perseguiu ao longo de toda a vida.

Churchill nos ajudou a ter a liberdade de que nos beneficiamos hoje. Os escritos de Orwell sobre a liberdade ainda influenciam a nossa forma de compreendê-la. Vale a pena entender melhor a vida e a obra desses dois homens nesse contexto. Assim, entenderemos melhor o mundo em que vivemos, e talvez estejamos mais bem preparados para lidar com ele, assim como Churchill e Orwell fizeram antes de nós.

Passemos agora a eles enquanto jovens, iniciando a caminhada de suas vidas.

2. Churchill, o aventureiro

Em dezembro de 1884, num dia úmido típico do sul da Inglaterra, Winston Churchill, então um ruivinho de dez anos e recém-chegado à Miss Thomson's School, em Brighton, divertia-se torcendo a orelha de um coleguinha durante a aula de artes. A vítima, enfim, contra-atacou, espetando um canivete no peito daquele que o provocara.

Churchill não se fazia de rogado em admitir que era "um garoto problemático".[1] Apesar disso, omitiu o incidente de seus escritos autobiográficos, talvez porque até sua própria mãe o responsabilizara pelo acontecido. "Não tenho dúvida de que Winston provocou o menino terrivelmente … e que isso lhe sirva de lição", Jennie Churchill escreveu ao pai de Winston, que estava na Índia.[2] Afinal, avaliou ela, a lâmina do canivete penetrara menos de um milímetro da carne do filho – fundo o bastante para marcar posição, mas raso demais para causar qualquer ferimento grave. Um mês depois, lorde Randolph Churchill, seu dissoluto pai, ao receber tais notícias na Índia, reagiu com fleuma: "Espero que não ocorram novos esfaqueamentos."

Hoje, pais que tratassem um menino como os de Churchill tratavam o seu talvez acabassem acusados de abandono criminoso. Lorde Randolph, uma figura ascendente no Partido Conservador, parece mal ter falado com o filho. Escrevendo décadas depois, Winston lembrava-se de ter tido apenas "três ou quatro longas conversas íntimas com ele".[3] Enquanto estava na escola em Brighton, no litoral, a aproximadamente cem quilômetros de Londres, Churchill ficou mortificado ao saber que o pai viajara até lá para fazer um discurso, mas não fora visitá-lo. "Você não veio me ver no domingo, ao passar por Brighton", ele o censurou numa carta.[4] Mais tarde,

quando frequentava a Harrow School, Churchill fez campanha para que o pai o visitasse na escola, num dia especial de premiações. "Você nunca veio me ver", reclamou.[5] E acrescentou, chorosamente, que a viagem de Londres até sua escola levava apenas trinta minutos de trem. "Se o senhor pegar o de 11h07, saindo de Baker Street, chegará a Harrow às 11h37." Ele ainda escreveu à mãe: "Tente fazer o papai vir. Ele nunca veio." Lorde Randolph não foi.

A mãe de Churchill tinha suas próprias ocupações. Jennie Jerome Churchill, "bela e superficial, mulher-pantera coberta de diamantes", conforme um biógrafo de Churchill, não fazia por menos naquela tardia sociedade vitoriana, somando talvez dezenove amantes, numa estimativa conservadora.[6] Houve quem afirmasse que ela teria dormido com duzentos homens ao longo da vida, porém biógrafos mais cautelosos põem em dúvida essa contagem, supondo-a exagerada. "O número, assim tão redondo, é suspeito", argumentou um dos melhores dentre eles, o político britânico Roy Jenkins.[7]

De qualquer modo, conclui Con Coughlin, um especialista na primeira parte da vida de Churchill, lady Randolph Churchill usufruía, "no mínimo, de uma intensa vida social".[8] Numa época em que tatuagens só eram vistas nas pessoas da margem mais nebulosa do rio, a tinta formava uma serpente em seu pulso esquerdo.[9] Após a morte precoce de seu primeiro marido – o pai de Winston –, ela chocou a sociedade londrina ao se casar com um jovem bonitão da idade do filho. Para não ficar por menos, após divorciar-se desse homem, encontrou um terceiro marido, também da idade de Winston. No final da vida, ficou registrado seu lamento: "Nunca me acostumarei a *não* ser a mulher mais bonita da festa."[10]

Em umas férias de Natal, os atarefados pais de Churchill despacharam-no para a casa da avó, a duquesa de Marlborough. Muitas semanas depois, ela escreveu-lhes com alívio: "Winston volta às aulas hoje. *Entre nous,* não lamento, pois ele é mesmo difícil de controlar."[11]

Na primeira escola que Churchill frequentou, o chicote era um castigo aplicado com frequência, chegando a provocar gritos e sangramentos. "Como eu odiava esse colégio", escreveu Churchill.[12] Por fim, seus pais o

transferiram para a seleta e esclarecida academia em Brighton, onde ele, que possivelmente sofria uma espécie de transtorno de déficit de atenção, foi sabiamente autorizado a se dedicar apenas às matérias que lhe interessavam, que ele lembrava serem "francês, história, muita poesia decorada e, acima de tudo, hipismo e natação".[13] Mesmo lá, porém, embora mais feliz, Churchill conseguia ficar em último lugar na avaliação de comportamento.[14]

Tempos depois, ainda na escola, o supervisor do dormitório considerou Churchill notável por sua "falta de memória, descuido, atrasos e a mais completa irregularidade".[15] Apesar desses defeitos, quando adolescente, ele de algum jeito aprendeu a escrever. "Senti nos ossos a estrutura essencial da frase comum inglesa … que é uma coisa nobre."[16] Sua facilidade com língua inglesa viria a se tornar seu maior trunfo nas duas carreiras, a política e a literária. Ele publicaria cerca de 15 milhões de palavras durante a vida.[17] Mas sua educação formal parou aí, e até morrer ele teria lacunas imensas em sua formação.

Churchill lembrava-se de ter concluído a escola sentindo-se "consideravelmente desencorajado".[18] Seus pais não o achavam inteligente o bastante para a advocacia, e ele terminou indo parar no exército, destino comum dos herdeiros pouco dotados da aristocracia britânica. A infantaria era mais fácil para os lentos de raciocínio do que a marinha, considerada a força mais importante na defesa da nação-ilha e, portanto, mais inclinada a processos seletivos meritocráticos.

Mesmo com o sarrafo baixo, Churchill precisou de três tentativas até ser admitido em Sandhurst, a academia militar britânica responsável pelas divisões de infantaria e cavalaria.[19] Ele entrou na cavalaria, onde a competição era mais fácil, uma vez que muitos jovens não tinham condições de sustentar um lote de cavalos e tratadores. Como dizia Churchill, "àqueles no final da lista, naturalmente, era oferecida a entrada fácil pela cavalaria".[20] A opção também o agradou por ser ele um apreciador do conforto e da pompa. Não apenas poderia cavalgar em vez de andar, ele anotou, como "os uniformes da cavalaria são muito mais exuberantes que os da infantaria".[21]

A carta que seu pai lhe enviou quando ele finalmente foi aceito em Sandhurst, escrita em agosto de 1893, merece uma longa citação, para que

se entenda o fardo absurdo que o progenitor desapontado carregaria pelo resto da vida. Ela é brutal. Lorde Randolph escreveu para o filho:

> Com todas as vantagens que teve, com todas as habilidades que você, tolamente, julga possuir, com todos os esforços feitos para tornar sua vida fácil e agradável, e seu trabalho nem opressivo nem aborrecido, este é o grande resultado? Você me aparece misturado à gente de uma ou duas classes abaixo de nós, inúteis para qualquer outra coisa além de um regimento de cavalaria. ...
>
> Não escreverei mais sobre este assunto, e não se dê o trabalho de produzir qualquer resposta para essa parte de minha carta, pois não sinto mais nenhum respeito por nada que você possa dizer sobre seus interesses e progressos. ...
>
> Você irá se tornar um mero vagabundo social, um entre centenas de fracassados das escolas públicas, degenerando-se numa existência insossa, infeliz e fútil. Nesse caso, a culpa por tais infortúnios será toda sua.[22]

Lorde Randolph estava morrendo quando escreveu isso, provavelmente de sífilis, o que pode explicar o tom enlouquecido. "Ele caíra vítima da paralisia mental progressiva que iria matá-lo", justificou o neto Randolph, filho de Winston.[23] Ainda assim, mesmo enquanto morria, ele teve forças para continuar depreciando o filho, cuja reação foi escrever para a mãe, lamentando que, no entender do pai, "eu nunca faço nada certo".[24] Lorde Randolph morreria em janeiro de 1895, quando Winston tinha vinte anos.

Com a morte do patriarca, um fusível parece ter se acendido em Winston. Um filho capaz de sobreviver a tal educação ficaria ou totalmente traumatizado ou, com alguma sorte, autoconfiante ao extremo. Churchill teve muita sorte. A morte do pai parece tê-lo libertado. Nos vários anos seguintes, ele dispararia da Inglaterra para a Índia e até a fronteira afegã, de volta à Inglaterra, depois para o Sudão, de volta à Índia e à Inglaterra, e então para a África do Sul, construindo no processo um brilhante início de carreira.

Mais tarde na vida, Churchill diria que "foi ótimo para mim não ter sobrecarregado meu cérebro na juventude".[25] Como era de seu feitio, ele tentava tirar o positivo do negativo, argumentando que "é um erro ler tantos livros bons quando se é muito jovem … Os jovens devem ser cuidadosos em suas leituras, tanto quanto os velhos com o que comem. Não devem comer muito. E precisam mastigar bastante".[26]

Ele não frequentou a universidade. Sua verdadeira educação parece ter começado pouco antes de ele virar um homem-feito, servindo como jovem oficial de cavalaria em Bangalore, na Índia. Lá, longe de casa, no inverno de 1896, "a ânsia de saber me invadiu".[27] Incansavelmente, ele mastigou Aristóteles, Platão, Macaulay, Schopenhauer, Malthus e Darwin.[28]

Mais importante, ele consumiu *Declínio e queda do Império Romano*, de Gibbon. "Fui imediatamente dominado pela história e pelo estilo. Durante longas horas radiantes, nas manhãs e tardes da Índia, do momento em que deixávamos as cocheiras até as sombras vespertinas anunciarem o jogo de polo, eu devorei Gibbon."[29] A influência do historiador no estilo da prosa de Churchill salta aos olhos. A frase que se segue, pinçada quase aleatoriamente nas profundezas do terceiro volume da obra de Gibbon, poderia muito bem ter sido escrita por Churchill: "Quando suas longas lanças se firmaram no apoio da sela, os guerreiros esporearam furiosamente seus cavalos contra o inimigo; e a cavalaria ligeira dos turcos e dos árabes quase nunca resistia à força direta e impetuosa de sua carga."[30] Compare-a com esta passagem do relato que Churchill fez da Batalha de Omdurman, na região de Cartum, em 1898: "Enquanto desciam as longas encostas que os levavam até o rio e os inimigos, os sucessores dos sarracenos encontraram o fogo dos rifles de duas divisões e meia da infantaria treinada, em formação dupla e cerrada, com o apoio de pelo menos setenta canhões na margem oposta e nos barcos de combate, todos atirando com imperturbável eficiência."[31] Ele se impôs a leitura de 25 páginas de Gibbon por dia, e o dobro da *História da Inglaterra*, de Macaulay, em cinco volumes.[32]

George Orwell afirmou certa vez: "A boa prosa é como uma vidraça."[33] Mas se a prosa de Churchill fosse uma janela, seria o vitral luminoso resplandecendo ao fim do transepto de uma catedral. Seu estilo pode ser

ornamentado em alguns momentos, até mesmo excessivo, mas ele sabia o que estava fazendo. Intoxicava-se com a linguagem, deleitando-se com as nuances e o som das palavras. "Ele gosta de usar quatro ou cinco palavras com o mesmo significado, como um velho que mostra suas orquídeas: não para exibi-las, apenas porque é apaixonado por elas", observou seu médico nos tempos da guerra, Charles Wilson.[34]

Isaiah Berlin comentou que "a linguagem de Churchill é um meio que ele inventou porque precisava. Ela tem um ritmo audacioso, solene, bastante uniforme e facilmente reconhecível, que se presta à paródia (feita inclusive por ele próprio), como todo estilo muito autoral".[35] Nem todos gostavam. O romancista Evelyn Waugh – talvez a única pessoa que gostava mais do filho maligno e alcoólatra de Churchill, Randolph, do que do próprio Churchill – ridicularizava este chamando-o de "um mestre da falsa prosa augustina".[36]

Como tantos autodidatas, Churchill atravessaria a vida muito confiante daquilo que sabia e satisfeito por ignorar tudo mais. Ele sabia bem o que sabia, mas havia uma enorme quantidade de livros que nunca tinha lido, ou cuja existência parecia desconhecer. Ele conheceu Henry James num almoço em 1903, mas interessou-se menos pelos comentários do mestre do que por outra figura americana presente, a linda e jovem atriz Ethel Barrymore.[37] Doze anos mais tarde, compartilhou uma segunda refeição com James e novamente o ignorou, dando a outro comensal a impressão de que "nunca ouvira falar de Henry James e não conseguia entender por que todos nós ouvíamos com tamanha reverência e atenção, e inapropriada paciência, aquele velho um tanto cansativo. Churchill o menosprezou, contradisse, interrompeu e demonstrou não ter por ele nem uma gota de consideração".[38]

Sua amiga Violet Asquith, depois conhecida como Violet Bonham Carter, então com dezenove anos, certa vez referiu-se num jantar à "Ode ao rouxinol", de Keats, poema do qual ele nunca tinha ouvido falar, embora fosse um dos cem mais famosos da língua inglesa.[39] Churchill deve ter se apercebido da surpresa da jovem, pois na próxima vez que se encontraram havia decorado o poema – e, mais ainda, todas as seis odes de Keats, que

então recitou para ela, uma por uma. Segundo escreveu seu médico certa vez, ele aparentemente só leu *Hamlet* aos oitenta anos de idade, mas isso é duvidoso, pois, para outras pessoas, havia citado partes da peça em fases anteriores da vida.[40] Seja como for, concluiu seu conselheiro dos tempos de guerra, sir Desmond Morton, o conhecimento factual de Churchill, como um todo, "era espantosamente superficial".[41]

Quando se via diante do público, Churchill raramente ficava quieto, e para ele quase tudo era público. A única atividade que Violet Asquith se lembrou de tê-lo visto praticar em silêncio em toda a vida foi a pintura, um hobby que ele adquiriu já na meia-idade e quando não ocupava nenhum cargo, numa espécie de exílio político.[42] Durante as conversas, quando exauria os próprios pensamentos, ele se mantinha falando ao recitar nacos de poesia, em geral de Byron e Pope.[43]

Como muitos escritores, especialmente aqueles que vivem do que fazem, Churchill desenvolveu uma atitude prática em relação ao trabalho. "Escrever um livro não é diferente de construir uma casa", ele comentou, com materiais a serem reunidos e colocados sobre uma fundação sólida.[44] Ele meditava sobre a importância da consistência na frase, e sobre a arrumação dos parágrafos, os quais "deveriam encaixar uns nos outros como os trilhos automáticos dos vagões ferroviários".[45]

Tendo aprendido a escrever, e encerrado o ciclo de sua autoeducação, Churchill julgou-se pronto para enfrentar o mundo. Saiu à procura de guerras sobre as quais escrever, com a intenção de reservar alguma glória para si mesmo e usá-la como plataforma para se lançar na carreira política. Por vários anos, perseguiu os combates freneticamente. Em 1897, quando irromperam escaramuças na fronteira indo-afegã entre os britânicos e as tribos pachtos da região, ele abriu caminho de seu posto em Bangalore até o local de ação na margem noroeste do subcontinente, uma viagem de pelo menos 2.400 quilômetros. Sem conseguir ingressar oficialmente nas movimentações militares, sua mãe lhe arranjou um trabalho de cobertura do conflito para o *Daily Telegraph* de Londres, dando

início ao seu longo vínculo com o jornal. Então, quando as baixas inevitáveis abriram espaço para novas convocações, ele passou ao serviço ativo. Menos de um mês depois, Churchill foi integrado ao 31º Batalhão de Infantaria do Punjab.

Na verdade, o que ele testemunhou não foi uma guerra, mas apenas algumas semanas de hostilidades. A operação em setembro de 1897 é hoje lembrada apenas pelo fato de Churchill ter estado lá e passado por situações de combate. "Nada na vida é tão estimulante quanto escapar ileso dos tiros", ele disse, num comentário peculiar.[46]

Seus companheiros talvez o tenham sentido um tanto superexcitado com a experiência. O tenente Donald McVean, que por curto período de tempo dividiu a barraca com ele durante a mobilização na fronteira afegã, registrou em seu diário que o único temor de Churchill em combate era ser ferido na boca.[47]

A luta com as tribos afegãs era a única guerra disponível, então Churchill tirou máximo proveito. Em dois meses de escrita, ele conseguiu inflar as poucas semanas de atritos desimportantes que testemunhara em um livro: *A história da força campal de Malakand*. Tivesse o livro sido escrito por qualquer outra pessoa, provavelmente nunca teria chegado a ser impresso. Mas o jovem soldado tinha na retaguarda em Londres um formidável apoio. Sua mãe abordou um agente literário e um editor sobre a possibilidade de transformar as reportagens de Churchill em livro.[48] Quando este foi publicado, alguns meses depois, ela prometeu ao filho que "o promoverei com sensato estardalhaço", e realmente o fez, divulgando-o junto aos resenhistas e aos editores de jornal.[49]

A história da força campal de Malakand é um volume pueril, demasiadamente orgulhoso da verve com que relata os eventos da curta ofensiva britânica. Quando cristãos enfrentam muçulmanos, Churchill observa, pesando a mão na ironia: "Felizmente a religião da paz tem os melhores armamentos."[50] Há um pouco de afetação viril na prosa de Churchill: "Por volta de seis tiros foram disparados contra o acampamento, sem qualquer resultado além de perturbar os que têm sono leve."[51] Qualquer pessoa despertada do sono por tiros disparados contra si dificilmente acreditaria

em tal afirmação, em parte porque não teria como saber por quanto tempo o tiroteio se estenderia e se sua intensidade não iria aumentar.

Uma avaliação generosa do próprio livro convenceu-o de que "meu estilo é bom; em alguns momentos, clássico".[52] Não era para tanto, mas os lampejos do futuro Churchill são visíveis nesse esforço inaugural.

Talvez mais importante, o livro recebeu alguns elogios públicos. Para o jovem soldado, após duas décadas sentindo-se ignorado, negligenciado e maltratado, receber algum aplauso foi um prazer bem-vindo e inusual. "Ler as críticas positivas foi um grande tônico", afirma Simon Read em seu estudo sobre essa fase da vida de Churchill. "Nunca antes Churchill fora enaltecido dessa forma. Nos tempos de estudante, ele se acostumara a ouvir o pai e os professores externando apenas decepção."[53]

Churchill na África

E assim o jovem Winston decolou. Tirou licença do serviço militar, embarcou de volta para a Inglaterra e circulou por Londres como autor recém-publicado. Usando o livro para fazer novos contatos com homens importantes, em seguida utilizou tais contatos para arrumar uma vaga na expedição britânica que estava sendo formada para combater os islamitas no Sudão. Lá, apenas um ano após sua primeira experiência de combate, participou em uma nova rodada de lutas, integrando uma carga de cavalaria nas redondezas de Cartum, na batalha em que os britânicos massacraram os guerreiros das tribos sudanesas. Ele transformou o episódio em outro livro, *A guerra do rio*. Então rumou novamente para a Índia, disputou um torneio de polo e tratou de seus assuntos no exército.

Seus olhos agora miravam o prêmio de uma carreira na política. Com textos jornalísticos e dois livros, amealhara fama suficiente para ser sondado a concorrer ao Parlamento. Em julho de 1889, com apenas 22 anos, disputou uma eleição, perdendo por pouco. Foi um resultado bastante honroso, que deixou patente seu bom potencial.

Sua sorte na guerra continuou. Outro conflito fermentava na periferia do império. Menos de quatro meses após a eleição, ele partiu para a África do Sul a fim de cobrir o que logo se tornaria a Guerra dos Bôeres.[54] Ele não estava inclinado a grandes privações. Levou consigo duas caixas de vinho, dezoito garrafas de uísque, seis de vinho do Porto, seis de conhaque e seis de vermute. Chegou à África do Sul no fim de outubro de 1889. Quando voltou à Inglaterra, menos de um ano depois, era uma celebridade.

Sua aventura começou em 15 de novembro de 1899. Mal completara quinze dias na África do Sul quando embarcou num trem militar armado, enviado ao front como parte de uma operação de reconhecimento. "À procura de encrenca", lembraria ele, encontrou um lugar a bordo.[55] Quando o trem começou a resfolegar em território bôer, caiu sob o fogo das armas ligeiras inimigas. O maquinista acelerou e parte do trem descarrilhou, provavelmente com o empurrãozinho extra de minas postas sob os trilhos pelos bôeres.

Churchill entrou em ação. Por mais de uma hora, debaixo do tiroteio inimigo, ajudou o comandante britânico a organizar os homens, liberar a linha férrea dos vagões capotados e reengatar a locomotiva. Por fim, esta começou a dar ré lentamente. Estava carregada de feridos, com soldados a pé abrigados do outro lado de seu corpo metálico. De repente, contrariando o plano improvisado, a locomotiva começou a ganhar velocidade, deixando a infantaria para trás. Churchill pediu ao maquinista que parasse na saída de uma ponte sobre o rio Bloukrans, de modo que pudesse voltar andando e reagrupar a infantaria. Ao fazê-lo, viu um grupo de homens, mas não eram britânicos. Um homem a cavalo e armado com um rifle se aproximou. Churchill fez menção de sacar a arma, porém encontrou a cartucheira vazia – ele a esvaziara para facilitar o trabalho de religar a locomotiva. Assim, ele se rendeu e tornou-se prisioneiro dos bôeres.

Para um jovem como ele, apaixonado pela ação, tornar-se um prisioneiro de guerra era algo próximo da tortura. Ele ficou detido, junto com outros oficiais britânicos, no prédio de uma escola em Pretória, a capital bôer. "As horas se arrastam como centopeias paralíticas. Nada distrai. Ler é difícil, escrever, impossível … Não há dúvida de que odiei cada minuto

do cativeiro mais do que odiei qualquer outro momento de minha vida", lembrou ele.[56] Churchill protestou, alegando ser um correspondente de guerra; os bôeres responderam que ele estivera armado e fora visto ajudando os militares britânicos no combate.

Certa noite, em meados de dezembro de 1899, passado menos de um mês de prisão, ele escalou um muro, driblou um sentinela – talvez mediante suborno – e seguiu as estrelas até uma linha férrea que sabia estar a menos de um quilômetro de distância. Agachou-se junto a um trem enquanto ele começava a deixar a estação. "Tentei pular em um dos vagões e me agarrar a qualquer coisa, mas falhei, tentei de novo, falhei de novo, então encontrei algum tipo de apoio manual e fui tirado do chão – com a ponta dos pés raspando nos trilhos."[57] Ele conseguiu subir, em meio a sacos de carvão vazios, e caiu no sono. Não havia cantiga de ninar mais aprazível, ele pensou, "que o barulho do trem carregando um prisioneiro fugitivo, a trinta quilômetros por hora, para longe da capital inimiga".

Era a aventura perfeita para um jovem e promissor imperialista. Seguindo em direção à fronteira com a África Oriental Portuguesa, a cerca de 450 quilômetros de distância, ele dormiu nos campos durante o dia e viajou clandestinamente em trens noturnos. Quando lhe faltaram comida e energia, encontrou a casa de um gerente de minas escocês, simpático à causa britânica. Churchill narra o episódio como um golpe de sorte, mas pode muito bem ter sido aconselhado a procurar aquele homem, que o escondeu sessenta metros debaixo da terra, no fundo de uma mina abandonada. Lá, Churchill recebeu velas, uísque, charutos e carne de frango, bem como um exemplar de *Raptado*, o thriller de Robert Louis Stevenson. Enquanto isso, arranjos eram feitos para esconder o jovem fugitivo num lote de fardos de algodão, em outro trem de carga que rumava para a colônia portuguesa. Chegando a Lourenço Marques, a capital da África Oriental Portuguesa, ele se apresentou ao cônsul britânico. Temendo que Churchill fosse recapturado pelos bôeres na cidade, o diplomata colocou-o naquela mesma noite a bordo de um vapor com destino à África do Sul. Lá, Churchill fez um discurso e reintegrou-se às forças britânicas em seu duplo papel de oficial e correspondente, que era então visto como perfeitamente aceitável.

No meses seguintes, ele se deliciou lendo os artigos que os jornais britânicos traziam sobre suas aventuras. "Os jornais estavam … repletos de elogios rasgados ao meu comportamento", ele registrou, no que tangia ao incidente com o trem e depois à sua fuga. "Eu me tornei bastante famoso."[58] Sua atenção já não estava mais na guerra, que se diluía em pequenos episódios de guerrilha.

Após novos boletins variados, ele partiu de volta para casa disposto a usar sua fama crescente para relançar-se na política. Lá chegando, no verão de 1900, sua mãe não o estava esperando – encontrava-se muito ocupada casando com o segundo marido, o capitão George Cornwallis-West, um belo homem vinte anos mais jovem que ela e apenas dezesseis dias mais velho que Winston. Anos depois, Churchill devotaria um capítulo inteiro de suas memórias ao incidente do "trem militar armado".[59] Isso se justifica, pois tal incidente foi o trampolim para o salto que deu de celebridade menor para figura de destaque na vida pública britânica.

Desde o início, Churchill foi visto por seus pares como alguém pouco ajustado em sua formação, caráter e temperamento. "Nos círculos Tory e da sociedade, ele … era um outsider, um entrão, um confiado que promovia a si mesmo", observou Violet Asquith.[60] De fato, em outubro, apenas doze meses após ter sido um prisioneiro e um fugitivo, ele se elegeu membro do Parlamento.

O aventureiro se transforma em político e marido

A viagem de foguete apenas começava. Quatro anos depois de ingressar na Câmara dos Comuns, Churchill abandonou o Partido Conservador e aderiu aos liberais, razão pela qual os conservadores por muito tempo desconfiariam dele. Em abril de 1908, com apenas 33 anos, foi convidado por H.H. Asquith, o primeiro-ministro recém-eleito (e pai de Violet), a tomar parte no governo. Sem se deixar impressionar, o rei Eduardo VII disse ao filho que Churchill "é quase mais desprezível no governo do que já o era na oposição".[61]

Naquele mesmo ano, Churchill cortejou e casou-se com a mulher que seria sua íntima confidente por mais de meio século. Por anos a fio ele correra atrás de uma mulher, depois de outra, com resultados inexpressivos. Tornou-se muito próximo de Violet Asquith. Parecia, no entanto, achar qualquer romance um pouco estranho. Violet, ao que tudo indica, esperava que Churchill a pedisse em casamento. Ele não o fez. Em vez disso, na primavera de 1908, interessou-se por outra mulher, muito menos proeminente, Clementine Hozier, filha de um ramo menor e empobrecido da aristocracia escocesa, que a certa altura havia chegado a dar aulas de francês para complementar seus rendimentos.

Em agosto de 1908, Violet descobriu que Churchill havia pedido a mão de Clementine. "Se ele, no fim, irá julgá-la estúpida como uma coruja, eu não sei", Violet escreveu para sua melhor amiga, Venetia Stanley.[62] "Ele não queria – embora precise muito – uma esposa crítica e reformadora, que preenchesse as lacunas em seus gostos etc., e ainda o impedisse de fazer bobagem." Numa daquelas bizarras complicações da vida aristocrática britânica, o pai de Violet, alguns anos depois, cairia de amores pela amiga da filha, Venetia. Nas reuniões de governo, durante a Primeira Guerra Mundial, ele se distraía escrevendo-lhe cartas de amor.

É improvável que Violet tivesse tolerado a completa falta de imaginário romântico em Churchill. Anos mais tarde, ele estava a seu lado – ela permaneceu uma amiga próxima – na amurada de um iate que cruzava o mar Adriático. "Que perfeição!", ela suspirou.

"Sim", respondeu Churchill. "Distância perfeita, perfeita visibilidade."[63] E então falou a ela sobre como as cidades costeiras poderiam ser bombardeadas.

Clementine Hozier tinha um background complicado. Alguns biógrafos acreditam que seu pai biológico era Bertram Mitford, o avô das seis irmãs Mitford, que deixariam um nítido rastro na sociedade britânica dos anos 1930 e 1940.[64] "Clementine não tinha absoluta certeza quanto à identidade do pai", registra o escritor e político Boris Johnson.[65]

Para Churchill, a personalidade de Clementine se provaria muito mais importante que sua ascendência. Casar-se com Clementine foi talvez a

escolha mais acertada que Churchill fez em toda a vida. Reservada, muito observadora sobre as coisas do mundo, ela não era como ele, e certamente não era como a sogra: conhecera o medo de ficar sem dinheiro, bem como a vida na condição de cidadã anônima. Tampouco era uma política em potencial, como Violet. Em vez de ofuscá-lo ou rivalizar com ele, Clementine iria contê-lo em seus momentos de euforia maníaca e o impediria de afundar quando ficava miseravelmente deprimido. Como ela própria lhe diria anos depois, "só porque eu sou plebeia e amo você, eu sei o que é certo para você e bom para você no fim das contas".[66] Winston e Clementine casaram-se em setembro de 1908, poucas semanas após o noivado se tornar público. Significativamente, talvez, "Bertie" Mitford sentou-se ao lado da mãe da noiva durante a cerimônia.[67]

Em 1911, Churchill alcançou o alto posto de primeiro lorde do almirantado, supervisionando a Marinha Real. Ocupou o cargo durante a Primeira Guerra Mundial. Em 1915, foi tido como um dos principais arquitetos dos desembarques britânicos em Galípoli, na Turquia. A operação foi um desastre. Após nove meses de combate, os aliados se retiraram da península, tendo sofrido mais de 50 mil baixas, e com poucos resultados positivos em contrapartida.

Churchill, em grande parte responsabilizado pela fracassada campanha turca, de repente viu-se desempregado. Ficou perplexo. "Como uma fera marinha pescada das profundezas, ou um mergulhador trazido muito abruptamente para a superfície, minhas veias ameaçaram explodir devido à pressão", lembrou ele. "Fiquei muito ansioso e sem ter como aliviá-la."[68] Procurando alguma ocupação que o acalmasse, começou a pintar. Seria uma distração muito bem-vinda pelas décadas seguintes.

Mas a aposentadoria da vida pública e a contemplação das paisagens naturais inglesas provaram-se insuficientes para mitigar sua depressão – ou para lhe oferecer um caminho de volta à proeminência. Ele não se considerava culpado por Galípoli, mas ainda julgava necessário se penitenciar, e assim apresentou-se como voluntário para servir na França. Chegou ao

front em novembro de 1915 e acabou comandando um batalhão avançado por vários meses. "É uma cena de selvageria", escreveu a Clementine. "Sujeira e destroços sem fim, covas abertas junto às trincheiras e dejetos espalhados por todos os lados; e em meio a esta cena, sob a luz da lua, tropas de ratos enormes rastejam e deslizam, incessantemente acompanhadas pelos rifles e as metralhadoras e os deletérios gemidos e assobios dos projéteis que passam sobre nossas cabeças."[69] Apesar de tudo, ele ficou surpreso ao sentir-se muito melhor na França do que na Inglaterra. "Encontrei a felicidade e o contentamento que não sentia há muitos meses."

Após uma vida de champanhe e pratos finos, viver ombro a ombro com outros na lama foi o mais perto que ele chegou de experimentar a vida de um homem comum.[70] Ainda assim, tomou providências para amenizar a situação. Pediu à esposa que lhe enviasse de navio "gordas peças de carne em conserva, queijo Stilton, creme de leite, presuntos, sardinhas e frutas secas; você também poderia tentar um empadão de carne: mas nada de faisão enlatado ou de coisas chiques enlatadas. Quanto mais simples, melhor, e substancial também, pois nossa ração de carne é dura e sem gosto".[71]

Clementine, sensível às suas alternâncias de humor, também procurava equilibrá-lo quando seu ânimo desabava no front. "Querido", ela escreveu em fevereiro de 1916, "uma das cartas que recebi ontem apresentava uma tristonha disposição. Não permita, eu lhe peço, que tal disposição se aprofunde e obscureça permanentemente sua mente e seu coração."[72]

Quando ele esteve em casa, de licença, ela achou que prestava muita atenção à política e pouca às suas necessidades. Com delicadeza, o repreendeu: "Meu querido, essas graves ansiedades públicas são muito desgastantes. Da próxima vez que o vir, espero que tenhamos mais tempo para estar a sós." Ela não afirmou com todas as letras que precisava de mais intimidade sexual, mas chegou perto: "Ainda somos jovens, mas o tempo voa, levando o amor consigo e deixando apenas a amizade, que é fonte de paz, mas não de estímulo e calor." Pamela Digby, que se casaria com Randolph Churchill durante a Segunda Guerra Mundial, e que tinha íntimas conversas com Clementine sobre seus problemas com o marido, lembrou décadas mais tarde que tivera a impressão de que os homens da família

Churchill possuíam pouco apetite carnal. Sua vida sexual com Randolph deixava muito a desejar, contou Pamela a seu biógrafo. "Em relação ao sexo, Randolph, como outros homens da família Churchill, parecia completamente desinteressado. Não ajudava em nada que ele bebesse demais para funcionar bem ou com maior frequência."[73] Contra essa hipótese resta o fato de que Winston e Clementine tiveram filhos nascidos em 1909, 1911, 1914, 1918 e 1922.

A parte do front onde Churchill estava era relativamente calma, pois a essa altura da guerra a ação se concentrava ao redor de Verdun, mais ao sul. Ainda assim, seu batalhão sofreu baixas. Em maio de 1917, encontrava-se tão depauperado que acabou batendo em retirada, a fim de ser fundido a outras unidades. Churchill encarou a situação como uma oportunidade para voltar à Inglaterra e à vida política. Em julho daquele ano, estava de volta ao governo como ministro do Abastecimento Militar.

Ele perdeu a reeleição em 1922, e outra rodada de votos em 1923. Em abril de 1924, escreveu à esposa, em férias na França, que ele e as crianças estavam se divertindo no campo. "Eu bebo champanhe em todas as refeições, e baldes de clarete e soda nos intervalos, e a comida, embora simples, é excelente. À noite ouvimos o gramofone e … [jogamos] *mahjong*."[74] Naquele mesmo ano, ele estava de volta ao Parlamento, justo quando um governo trabalhista tomou o poder pela primeira vez. Mas com o Partido Liberal em ebulição, ele deixou os liberais e reingressou no Partido Conservador. Após esse gesto, teria dito: "Qualquer um pode virar a casaca, mas é preciso algum talento para revirá-la."[75] Não foi inteiramente bem recebido por seus antigos camaradas conservadores. Entre os Tories, escreveu o amigo e aliado político lorde Beaverbrook, "ele era odiado, posto sob suspeita e temido".[76]

Mesmo assim, quando, ao final de 1924, o jovem governo trabalhista caiu e os conservadores retomaram o poder, Churchill foi recompensado com o importante cargo de ministro das Finanças. Isso foi psicologicamente significativo para ele, pois a nomeação para esse posto fora o ápice da carreira meteórica de seu pai. Lorde Randolph ocupara-o por apenas cinco meses em 1886.

Ao se aproximar o fim da década de 1920, ele já seguia o pai em outro sentido também, batendo boca com os líderes de seu partido e querendo ser obedecido. Em vez disso, em 1929, quando os conservadores foram substituídos por um segundo governo trabalhista, Churchill viu-se alijado do poder. Suas finanças pessoais estavam devastadas, por causa de suas especulações no mercado financeiro. Enquanto procurava se recuperar, ele se ocupava escrevendo e palestrando – e assim acabou indo parar na Quinta Avenida, em dezembro de 1931, distraidamente olhando para o lado errado e sendo atropelado por um automóvel americano.